



6

# RAIO DA SILIBRINA

O LUME DE LAMPARINA

# RAIO DA SILIBRINA

N. 6 ♦ Parahyba, junho de 2022

Lamparina em uma de suas poses clássicas



## MARCA DE FANTASIA

Rua João Bosco dos Santos, 50, apto. 903A  
Parahyba (João Pessoa), PB. Brasil. 58046-033

marcadefantasia@gmail.com; <https://www.marcadefantasia.com>

A editora Marca de Fantasia é uma atividade da Associação Marca de Fantasia e do NAMID - Núcleo de Artes e Mídias Digitais. Projeto de extensão do Departamento de Mídias Digitais da Universidade Federal da Paraíba.

Editor/fotos: Henrique Magalhães

Capa: Lamparina na Vila Nojosa, Palhano, CE

# Lume de Lamparina

Henrique Magalhães

**E**le vagueia pelas ruas, de casa em casa com sua alegria contagiante. Fala alta, estridente, pele branca incandescente, Lamparina reluz em pleno luz do dia, espalhando um humor extravagante que pode tudo, menos passar despercebido. Figura popular que beira a folclórica toda cidade tem uma - ou várias ou muitas -, mas nunca iguais em persona, em aparência e no âmagô. Cada uma também tem sua história peculiar, cheia de descompassos com o senso comum, o que lhe faz uma figura excêntrica, extraordinária.

Assim é Lamparina em Palhano, cidade incrustada no Vale do Jaguaribe cearense com cerca de 10 mil habitantes em que metade se espalha por inúmeros sítios distantes. Situa-se a 30km de Russas e a 40 de Aracati, erguida num agreste naturalmente seco, mas florescente se lhe regam do céu.



Nosso fanzine entra no campo pouco conhecido do universo da mente dessa pessoa querida e marcante, que passeia com seu cachimbo em chamas como um mito encantado das lendas das veredas rurais. Vamos descobrir Lamparina e seu lume reluzente.



## A persona

Como você se chama?

Josenildo de Oliveira Barros.

Quantos anos você tem?

Tenho 38 anos, vou fazer 39 em dezembro.

Chama a atenção como você é conhecido.

Por que Lamparina?

Ah, sim. Antigamente a gente vivia nas lamparinas, nas casas de taipa. Aí eu gostava de fazer lamparina para minha mãe. Naqueles tempos ninguém tinha energia, não tinha fogão a gás, era fogão a lenha, a gente trabalhava no roçado, caçava as

lenhas para fazer o fogo. Era assim, nem fogareiro tinha, era só lenha mesmo, as panelas chega eram “intisnadas” (pretas de tisanas).

Então você passou a ser chamado Lamparina por conta desse ofício de fazer lamparinas.

Era, lamparina. E também nós ia fachiá (caçar à noite usando facho de luz para encandear) passarinho de noite com as lamparinas, pra matar aqueles passarinhos pra comer.

Era lamparina de querosene?

Era de querosene, de gás, com pavio de lã.



Você fazia a partir de que?

Eu fazia com garrafa de vidro, de cerveja, eu pegava aquele negócio que colava, “durapox” (Durepoxi), e fazia as lamparinas.

Então, o nome Lamparina não tem nada a ver com o cangaço, com Lampião?

Não. Era só porque eu fazia lamparina e fachiava passarinho com lamparina.

Você gosta de ser chamado de Lamparina?

Gosto, não tenho raiva, não me incomodo nem um tico.

Você se incomoda que as pessoas brinquem com você e seu nome?

Não, não me incomodo. Brincadeira de amizade, de amigo, me chamar de uma coisa assim, a gente tá tudo brincando. Mas uma pessoa que a gente não conhece, que não é amiga da gente, chega agredindo a minha pessoa, eu tenho raiva. Só não gosto de brincadeira chata, de brincadeira assim que machuca você.





## A família

Você nasceu em Palhano?

Eu nasci aqui no sítio Nojosa perto da pedra do santo.

Hoje mora onde?

Moro no Alto da Irmandade, aqui vizinho ao sítio Nojosa.

Com quem você mora?

Moro com minha mãe. Meu pai é falecido. Morreu também uma irmã minha, mais nova. Moro só com minha mãe mais uma irmã e mais dois irmãos solteiros.

Como é o nome de sua mãe?

O nome dela é Maria, mas chamam ela de Ivonete, o apelido é Ivonete.

Quantos irmãos você tem?

Eram oito comigo, agora são sete, porque a mais nova morreu.

Lamparina, como é sua relação com os irmãos?

Nós somos bom. Tem um que é meio enjoado, mas são bom. Meus irmão muitas vezes me dá dinheiro quando não tenho pra comprar um pacotinho de fumo, que eu fumo cachimbo; eles me dão dinheiro pra mim tomar uma dosinha de cana.

## A saúde

Você tem assistência psicológica. Qual é a sua disfunção?

Tenho. Acho que é ansiedade, a doutora disse que é ansiedade.

Sobre os remédios que você toma, você tem orientação psicológica?

Eu tenho uma psiquiatra, Dra. Célia.

Por que você a procura?

Para eu dormir, eu tenho muita perda de sono. Se eu não tomar o medicamento eu viro a noite e não durmo, aí a cabeça fica muito perturbada, muito pesada.



Quando você começou a fazer tratamento psicológico?  
Eu comecei a fazer em noventa e pouco, em 96, 97, por aí.

Por qual motivo?

Foi uma perda de sono, muita preocupação. Eu tinha um nervosismo, ansiedade, ficava triste. Às vezes queria brigar, brigava muito com meu irmão, era “agressivo” (agressivo). Aí eu comecei a me controlar com remédio. Qualquer coisa assim eu jogava neles, se pegasse, lascava a cabeça.



## ○ trabalho

Por causa de sua saúde você não trabalha?

Eu trabalho assim, faço as coisas quando as pessoas pedem, então ganho cinco reais, me dão dez.

Que tipo de favor?

As pessoas pedem assim pra mim rebolar um lixo, apanhar umas coisas, deixar umas coisas em tal canto, comprar umas coisas pra eles, aí me dão uns agradós.

Mas você nunca teve um trabalho fixo?

Trabalhei muito em cajueiro, catando caju, ajuntando lenha mais o meu pai, já trabalhei um pouco em cerâmica, já trabalhei apanhando feijão, apanhando algodão, arrancando roça, mas quando eu era mais novo/a, rapando mandioca, tirando goma de mandioca, em tudo isso já trabalhei.

Isso nos sítios.

Na localidade da Barbada, trabalhei em caju, desmancha (fari-nhada de mandioca), trabalhei muito no Córrego da Salsa, trabalhei fazendo comida pra trabalhador pra bandas de Jaguaruana.

Percebo que você circula muito pela cidade. Você não tem hoje uma função estabelecida?

Não, porque meu estudo é pouco. Fiz um telecurso de um ano, um ano e meio, minhas leitura é pouca. Eu não sei matemática nem um pouquinho e tem trabalho quem estuda, faculdade, essas coisas. Eu nunca fiz. Eu fiz dois “Eje” (EJA, Educação de Jovens e Adultos), o “Eje” Fundamental e o “Eje” de Médio.



## A sexualidade

Muitas vezes você se trata pelo gênero feminino.

Eu sou “homossexualismo”, sou feminino. Sempre gostei do sexo feminino. Quando estudava eu recebi muito bullying na escola por isso, muito preconceito. Naquela época havia muito preconceito. Os meus irmão é que me atinam, mas meus irmãos mais velhos também não gostavam. Hoje todos eles aceitam isso. Minha mãe não gostava. O pai nunca não, mas minha mãe dizia coisa comigo.

Como está hoje com seus irmãos?

Hoje já foi. Isso é comum no mundo, tem até nas melhores famílias.

Você já teve namorado?

Tive. Todos três morreram de acidente de moto.

Vocês tinham uma relação?

Não. Eu ficava com eles, mas não vivia com eles junto, não. Gostei de um mais de vinte anos, gostei de um 16 anos, o outro gostei uns seis anos.

Já lhe vi passando aqui com um vestido. Você se traveste?

Às vezes em carnaval, nas brincadeiras, nas festas eu me visto. Na escola eu ía com calça boca de sino, ía com tamanco, eu ía maquiado. Não me visto muito por causa de minha mãe, que fica dizendo coisa.

Na escola nunca teve algum tipo de pressão para você...  
Dos professores, não. Uns que diziam eram os alunos, umas ofensas com a gente: “ó o veado velho”. Hoje em dia não tem mais isso, não, mas eles diziam essas coisas com a pessoa.

Hoje você tem alguém com quem se relaciona?  
Não. Tinha uma pessoa que eu gostava, mas ele aprontou e tá no presídio. Mas não matou ninguém, não. Negócio de roubo, que ele roubava e usava coisa que não presta.

Você circula muito na cidade, tem muito contato com várias casas, várias famílias. É sempre bem recebido?  
Sou bem recebido, tenho muitos amigos, gente boa. Tem gente nojenta, mas tem tanta gente boa aqui no Palhano! As amigas gostam da brincadeira. As mulheres antigas gostam das prosas. Antigamente o pessoal era “rudo” (rude), não aceitava, hoje o pessoal leva tudo na brincadeira. Eu chego na casa de amiga, me dá água, eu peço um “fófi” (fósforo), me dá “fófi”. Hoje as coisas é tudo moderna, não é mais daqueles tempos dos jumentos e burros, não. Hoje aceitam as coisas adequadamente, é muito respeitador o povo mais velho hoje.





## A religiosidade

Vejo que você usa um cordão de contas com a efígie de um santo. Você é religioso?

Sou religioso. Sou rezador, gosto de benzer de ramo. Rezo gente, criança, em “criadores” (fazendas com criação), espinhela caída, rezo “vento” (ventre) caído de criança, rezo de cobreiro. Aprendi com minha antiga vó, que já morreu. Ela era rezadeira, benzedeira, passou as oração pra mim aprender.

Ela tinha ascendência indígena?

Ela tinha as “escendências” com escravo, a vó dela era escrava.

Isso não entra em conflito com o catolicismo?

O catolicismo hoje nos aceita... antigamente, na era de Lutero, que as coisas assim... Hoje em dia as religiões não são... Já fui uma vez passar nos crentes, comi bolo mais os crentes, guaraná, bolo, não tem essas coisas mais não. As religiões hoje não tem mais briga com as outras não.

As pessoas acreditam nas benzeduras que você faz?

Acreditam. Tendo fé, fica boa. Muitos me dão um agrado, me dão cinco, dez reais pela benzedura.

Você se acha curandeiro?

Eu gosto de rezar. Andei muito em centro de macumba, os pais de santo são pessoas boas, são as religiões que eles gostam, umbanda, candomblé, espiritismo. Eu tenho muito livro de espiritismo, livro de umbanda, eu gosto dessas religiões, eu gosto de estudar.

## Os finalmentes

Para encerrar, o que mais tem a dizer?

O que tenho a dizer é que respeito a religião dos outros, respeito a sexualidade dos outros e respeito também o próximo, respeito a pessoa indígena, respeito o negro, respeito o cigano. Respeito é bom, respeito aos “homossexual” (homossexual), respeito as “heterossexual” (heterossexual), às bissexual, é pra respeitar. Nós não estamos naquele mundo de “escrava Isaura”, não, que era no chicote, não. O mundo é moderno, é pra ter seus estudos, seus ideais, suas coisas.

Agora é pra se preocupar é com as pessoas que passam necessidade. Os governos é pra ajudar as pessoas das secas grandes, pra botar água de poço, os que não têm luz, os que estão nas enchentes. Hoje em dia eles só ligam pra enriquecer, em ter o poder, mas os governantes não faz nada pelos povo. Os profissionais ganham pouco. Era para ter bons salários, os professores, técnicos em enfermagem, enfermeiros.

Eles desviam seu “dinheiralar” e não olham pros pobres. Esses auxílios, bolsa família, é uma coisa boa. Porque quem não tem um bujão de gás, vai queimar lenha. Com a ajuda já dá pra comprar uma coisa pra pessoa comer, uma bolacha, um feijão, um pacote de arroz. Nessa época de minha mãe e de nosso pai, que não tinha isso, morria na enxada.

Você conhece outros lugares fora Palhano?

Eu conheci Mossoró, Juazeiro do Norte, conheço Russas, Jaguaruana, Itaiçaba, Aracati, já passei em Tabuleiro, Limoeiro. Conheço também Quixadá, Canindé.



Você gosta daqui?

Gosto. Eu nasci aqui, eu amo meu lugar. Daqui só saio quando eu morrer, pro cemitério. Nunca gostei dos lugares dos outros, eu gosto do meu. Eu nasci e me criei aqui, me criei com meus amigos, com meus parentes. Muitos parentes meus já morreram, primos, tios.

Atualmente, você ainda faz lamparina?

Eu só tenho uma, está guardada. Não continuo fazendo. Eu só fiz uma porque às vezes falta energia aqui... as energia daqui é muito fraca, quando dá uma chuva, falta. Só fiz uma um tempo desses. Também não tem mais aquele “vridin” (vidrinho), é aquele vridin em que menino come uma saladinha.





Por que parou de fazer?

Parei porque o pessoal não precisa mais. Hoje eles compram é lâmpada fluorescente que “ilumeia” só. Tem lanterna, tem lampião à gás, que não apaga.

Obrigado, Lamparina.

Vou cuidar, viu?

Entrevista com Lamparina guiada por Henrique Magalhães.  
Em Palhano, 11 de abril de 2022.

# LAMPARINA

